

## Lavra certa

Mariana Conde Moraes Arcuri<sup>1</sup>

*Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, é puro abalo – muito mais que o “soco no estômago” já usado e tantas vezes repetido, o romance causa impacto não tanto pelo enredo, que traz a questão do incesto, mas pela forma como se derrama ao longo de aproximadamente duzentas páginas. Derramar(-se), no caso, é o verbo que melhor retrata o livro – trama e forma – de Raduan Nassar.

A começar pelo título, espantoso, *Lavoura arcaica*, ecoando sons antiquíssimos, rascantes, em que as largas vogais – insinuantes e debruçadas – emudecem à pronúncia pesada de um *r* milenar, sufocante, desértico – nada é casual. Já o nome, identidade do enredo, antecipa um tormento, uma tensão calada, insuportável – segura de um gretado intransponível. O leitor, intimidado e seduzido pela lavoura anunciada, mergulha nas promessas que o título carrega.

Derramando-se, as palavras bordam-se caudalosas, obedecendo ao trágico, infinito fluir da trama. O fôlego contínuo do enredo, entretanto, nunca é impreciso ou exagerado. Em *Lavoura arcaica*, Raduan Nassar constrói uma rede de palavras que se ligam e se descobrem, revelando novas camadas de prosa, mas que jamais excedem seu ritmo, mantendo-se coesas em sua visceral exatidão.

A enorme carga dramática da narrativa provém da precisão de suas numerosas palavras. Nada está fora do lugar, nada é despropositado, supérfluo, alheio. A perfeita beleza das imagens criadas por Raduan é fruto do rigor da linguagem. A severidade da prosa sustenta de maneira exemplar a aspereza do enredo. A angústia do leitor cresce à medida que as palavras se agigantam – em quantidade e significado –, sem, no entanto, se atropelarem, rumando para o fim inevitável. *Lavoura arcaica* traz um jorro matemático de ideias e palavras. O artesão tece a trama com poesia e certeza, ciente do belo colorido de seu trabalho.

Servido admiravelmente pelas palavras, o enredo não é menos primoroso. O caráter – quase – bíblico da família, a ferida central da história, inebria o leitor. Diante de sua força

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras (UFRJ). Mestre em Literatura Brasileira – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras (UFRJ).

épica, avassaladora, apagam-se rastros de individualidade. A sede do romance depende, em grande parte, da aridez dessa família. Tudo nela é austeridade e poder. A figura do pai, imensa, simboliza o conjunto da família, sua moral e seus preceitos. São os ensinamentos do pai, sua doutrina infalível e amarga, que esmagam os anseios de André, o protagonista-narrador.

Ávido por conquistar uma liberdade de erros e vitórias, André busca o abstrato, o que não pode ser encontrado na velha fazenda da família. Seu desejo vai além de dogmas e rotinas; ele quer, acima de tudo, o que a família recusa, o proibido, o fortuito, o estranho. André – anjo decaído, filho pródigo – é a própria antítese na qual se espelha, a contragosto, a família. Seu relacionamento com Ana, a irmã, surge como reflexo torto das obscuras e silenciadas vontades da família.

Ana, o coelho de sangue nos cabelos, ela mesma uma flor vermelha pulsando no seio da família, é o abrigo dos desejos de André. A dança de Ana conduz André para fora da fazenda, ela escapa das normas rígidas do pai, sinuosa e petulante. Em Ana o leitor encontra o acaso, o imponderável do amor e seus caprichos, a treva e toda a violência grande do humano.

Ana e André, os irmãos-amantes, quebram a estrutura linear e definida da família, hipnotizando o leitor. Eles são o avesso da família, e por isso mesmo fazem parte dela. Assim como a mãe, imagem da doçura extravasada, André e Ana perturbam a família com seus tropeços e arroubos. O erro fere o pai, esse pai-deus metódico e superior.

A relação causa-consequência abordada nos sermões do pai, sua resignação altiva diante do tempo – tempo este que ele julga sábio e constante, e não jogado na soltura toda de si –, a autoridade e segurança que transparecem em suas palavras – tudo é enfim triturado quando o erro, o erro fecundo, vem à tona. O pai, a família, que tanto prezavam a certeza, o rigor do tempo, esfalecem ao sopro do acaso, da fatal zombaria desse mesmo tempo que, longe de roçar o bom, mostra-se diabólico, turbilhonado. É mesmo o tempo, qual uma Penélope, que desfaz a trama, desvelando a mortalha que envolve a família.

Ler *Lavoura arcaica* é embriagar-se de prosa terrível e genial. Cheiros, vontades, sabores e paisagens afloram com riqueza nas páginas do romance, moldados pelas mãos do hábil Raduan. Diante de enredo tão denso e áspero, e de trabalho tão precioso com as palavras, costuradas segundo os contornos das ideias, só resta ao leitor o assombro.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.